QUASE TODO O BRASIL CABE NESSA FOTO
DISSERTAÇÃO ARGUMENTATIVA – ID: PUL
FGV 2017/B

redigir

Texto I



Fotografia feita no Recife por volta de 1860. Na época era preciso esperar no mínimo um minuto e meio para se fazer uma foto. Assim, preferia-se fotografar as crianças de manhã cedo, quando elas estavam meio sonolentas, menos agitadas. O menino veio com a sua mucama, enfeitada com a roupa chique, o colar e o broche emprestados pelos pais dele. Do outro lado, além do fotógrafo Villela, podiam estar a mãe, o pai e outros parentes do menino. Talvez por sugestão do fotógrafo, talvez porque tivesse ficado cansado na expectativa da foto, o menino inclinou-se e apoiou-se na ama. Segurou-a com as duas mãozinhas. Conhecia bem o cheiro dela, sua pele, seu calor. Fora no vulto da ama, ao lado do berço ou colado a ele nas horas diurnas e noturnas da amamentação, que os seus olhos de bebê haviam se fixado e começado a enxergar o mundo. Por isso ele invadiu o espaço dela: ela era coisa sua, por amor e por direito de propriedade. O olhar do menino voa no devaneio da inocência e das coisas postas em seu devido lugar. Ela, ao contrário, não se moveu. Presa à imagem que os senhores queriam fixar, aos gestos codificados de seu estatuto. Sua mão direita, ao lado do menino, está fechada no centro da foto, na altura do ventre, de onde nascera outra criança, da idade daquela.

Manteve o corpo ereto, e do lado esquerdo, onde não se fazia sentir o peso do menino, seu colo, seu pescoço, seu braço escaparam da roupa que não era dela, impuseram à composição da foto a presença incontida de seu corpo, de sua nudez, de seu ser sozinho, da sua liberdade. O mistério dessa foto feita há 130 anos chega até nós. A imagem de uma união paradoxal, mas admitida. Uma união fundada no amor presente e na violência pregressa. A violência que fendeu a alma da escrava, abrindo o espaço afetivo que está sendo invadido pelo filho do senhor. Quase todo o Brasil cabe nessa foto.

Luiz Felipe de Alencastro. História da vida privada no Brasil Império: a corte e a modernidade nacional. Companhia das Letras: São Paulo, 1997. Adaptado.

Texto II

A fórmula tradicional da vida brasileira era a mistura, nas mesmas relações sociais, de troca, prepotência e sentimento: a sentimentalização das trocas desiguais que pautava nosso antigo regime de senhores e de servos.

Roberto Mangabeira Unger. Adaptado.

Texto III

O status de raça, manipulado pelos brancos, impede que o negro tome consciência do logro que no Brasil chamam de democracia racial e de cor.

Abdias do Nascimento. O negro revoltado. Edições GRD: Rio de Janeiro, 1968. Adaptado.

Texto IV

[Nos anos 1960] O movimento negro brasileiro, influenciado pelo movimento de négritude francófono, enfatizava já as raízes africanas, o que gerava a reação de intelectuais como Gilberto Freyre (1961, 1962), em sua cruzada pelos valores da mestiçagem e do luso-tropicalismo. A discussão sobre o caráter da "democracia racial" no Brasil - ou seja, se se tratava de realidade cultural (como queriam Freyre e o establishment conservador) ou de ideal político (como queriam os progressistas e o movimento negro) - acaba levando à radicalização das duas posições. A acusação de que "democracia racial" brasileira não passava de "mistificação", "logro" e "mito" toma então conta do movimento, à medida que a participação política se torna cada vez mais restrita, excluindo a esquerda e os dissidentes culturais.

Antonio Sérgio Alfredo Guimarães. Democracia racial: o ideal, o pacto e o mito. Adaptado.

Acima, encontram-se reproduzidos uma foto feita em torno de 1860 e um comentário sobre o que nela se dá a ver, escrito por um historiador contemporâneo. A esses elementos, acrescenta-se um trecho de artigo redigido por um pensador brasileiro, em 2015. Com base nesses estímulos, redija uma dissertação em prosa, na qual você discuta o sentido e a pertinência da frase com que o historiador encerra seu texto: "Quase todo o Brasil cabe nessa foto".